



(<https://www.wilder.pt>)

EMPRESAS TURÍSTICAS AJUDAM CIENTISTAS A SABER ONDE ESTÃO OS CETÁCEOS DOS AÇORES

Ciência



Helena Geraldes (<https://www.wilder.pt/author/helena/>)



Histórias (<https://www.wilder.pt/./historias/>)

🕒 15.05.2018



Oceanos (<https://www.wilder.pt/topico/oceanos/>)

Cachalote (*Physeter macrocephalus*). Foto: Marc Fernandez Morron



🔗 78 SHARES

Durante sete anos, empresas turísticas de observação de golfinhos e baleias recolheram dados para ajudar os cientistas a estudar a distribuição geográfica destes animais nos Açores. O resultado acaba de ser publicado numa revista científica.

Há vários anos que a comunidade científica procura saber onde estão os golfinhos, baleias e outros cetáceos dos Açores, para tornar a sua conservação mais eficaz. Os investigadores precisam conhecer qual a distribuição geográfica, e como esta varia com o tempo, destas espécies, que têm um papel fundamental nos ecossistemas marinhos.

“No entanto ainda sabemos pouco sobre a distribuição destes animais: não só são muito móveis, respondendo com rapidez a alterações ambientais no oceano, como as campanhas dedicadas ao seu estudo são dispendiosas e limitadas no tempo”, segundo um comunicado divulgado hoje pelo **Centro de Ecologia, Evolução e Alterações Ambientais – cE3c** (<http://ce3c.ciencias.ulisboa.pt/>), da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.



(<https://www.wilder.pt/wp-content/uploads/2018/05/4901ccf5-5623-48fd-b216-148d6cbboa77.jpg>)

Golfinho-roaz (*Tursiops truncatus*). Foto: Marc Fernandez Morron

A estratégia mais usual é usar modelos computacionais. Estes “extrapolam o nicho ecológico de uma espécie a partir dos dados de localização existentes e das variáveis do ambiente”. Mas serão estes modelos precisos, tendo em conta que estas são espécies tão móveis e que vivem num ambiente tão dinâmico como o oceano?

“A questão em si depende muito da espécie a estudar”, disse Marc Fernandez Morron, primeiro autor do artigo e investigador do cE3c e da Universidade dos Açores.

“Para espécies altamente dinâmicas, como a baleia de barbas, é muito melhor usar dados semanais. Mas para isso precisamos de uma recolha de dados constante, um grande esforço de amostragem, que neste caso foi obtido graças à colaboração das empresas turísticas de observação de cetáceos”, acrescentou.

Para este **estudo** (<http://www.int-res.com/abstracts/meps/v595/p217-231/>), publicado ontem na revista *Marine Ecology Progress Series*, os investigadores usaram dados das 10 espécies de cetáceos mais avistadas no arquipélago dos Açores entre Janeiro de 2009 e Dezembro de 2015. Ao todo foram utilizados mais de 16.000 avistamentos de cetáceos.

Nas suas viagens turísticas, que ocorrem todo o ano, com um pico de afluência durante o Verão, os operadores de observação de cetáceos anotam as espécies que observam, contam animais e registam a sua posição. Estes dados são submetidos na **plataforma MONICET** (<http://www.monicet.net/en>) – uma base de dados online inaugurada em 2008 e que conta com o apoio do Governo dos Açores – acompanhados de fotografias para identificação das espécies. Todos os dados são validados por especialistas antes de serem disponibilizados online.

Hoje, o MONICET está “numa fase adulta, com 10 anos de funcionamento e oito empresas a colaborar”, salientou Marc Fernandez Morron. “Estamos a trabalhar para que tenha uma maior autonomia, com candidaturas a novos projetos para melhorar e expandir a plataforma para outras áreas.”